



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## **TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR**

### **ESCOLA ENGESSADA**

**Marcos Roberto Inhauser**

Na semana passada, por força de trabalho, tive que ir aos Estados Unidos. Em Chicago visitei uma família equatoriana muito amiga, que tem uma neta que tem se sobressaído na escola. Desde o início ela deu mostras de ser acima da média e a escola deu a ela condições para se desenvolver ao ritmo de sua capacidade. Fez alguns anos em seis meses e, da oitava pulou para a décima série. Mais do que isto, monitorada por uma comissão especial do estado, ela foi incluída em uma escola especial para pessoas com capacidades acima da média, onde os alunos recebem educação compatível com suas habilidades intelectuais. Aos treze anos de idade ela já frequenta cursos na universidade e já tem vários créditos obtidos, mesmo sem ter terminado o High School.

Há alguns dias vi uma reportagem com um garoto prodígio, que em quatro anos terminou todos os requisitos para a educação básica e aos catorze anos já deverá ter terminado a faculdade e poderá iniciar um mestrado.

Experiência bastante diferente ocorre no universo escolar brasileiro. Não é uma questão econômica. É filosófica e estrutural. O sistema escolar brasileiro é engessado. Não se admite a possibilidade de alguém poder avançar porque tem habilidades intelectuais para tanto. Toma-se o aluno pela média e se dá a todos tratamento igual, impossibilitando a diferenciação pelas capacidades intelectuais. Todos devem ter o mesmo tempo de banco de escola, no que pese o fato de haver alguns que necessitam dez meses para absorver o currículo e outros que podem fazê-lo em menos tempo. Não se admite o fato de que alguém possa ingressar na faculdade sem antes ter estado os 180 dias letivos de todos os anos sentado nas carteiras escolares. É um sacrilégio.

Há um processo rígido, inflexível e castrador no modelo educacional brasileiro. Pode-se argumentar que ele tem a capacidade de dar aos alunos uma sedimentação sólida dos conhecimentos uma vez que permite tempo para a assimilação do aprendizado e que, em um processo acelerado, isto pode ser comprometido. Isto pode ser verdade se se trata de nivelar pela média, mas o argumento cai por terra quando se trata de superdotados. Mas, por outro lado, é torturante acompanhar um ritmo lento de aprendizado.

Mais que isto, a imposição de vestibulares, com exames em disciplinas sem nenhuma conexão com o ramo que se pretende estudar, impõe um obstáculo que poderia ser evitado. Há uma tentativa do modelo educacional brasileiro de garantir o produto final (o graduado) pelo fato de haver passado por todas as etapas, sem atropelar nenhuma. Mas o que se tem visto, apesar de todo o gesso que inflexibiliza o processo, é que o produto final, no mais das vezes, deixa, e muito, a desejar. Ai estão os graduados em direito e letras que mal sabem escrever, formados em tradução que não falam o idioma para o qual se habilitaram, dentistas e médicos que estão mais para carneiros que para profissionais da saúde.

Alguma coisa precisa ser feita, se se pretende uma escola que seja mais dinâmica e alunos que vejam a educação não como tortura, mas como crescimento.